

Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

CURITIBA
MARÇO DE 2026



DIEESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS



Conab

Companhia Nacional de Abastecimento

Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

CURITIBA
MARÇO DE 2026



ABRIL DE 2026

Curitiba, 08 de abril de 2026.

ANÁLISE MENSAL

Em março, custo da cesta aumenta nas 27 capitais

Em 2024, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) firmaram parceria para acompanhamento dos preços da cesta básica de alimentos, como contribuição à Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e à Política Nacional de Abastecimento Alimentar.

Um dos frutos da parceria é a ampliação da coleta de preços de alimentos básicos de 17 para 27 capitais brasileiras. Os resultados da Pesquisa nas 27 capitais começaram a ser divulgados em agosto de 2025.

O valor do conjunto dos alimentos básicos subiu nas 27 capitais onde o DIEESE, em parceria com a Conab, realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos. Entre fevereiro e março, as principais elevações ocorreram em Manaus (7,42%), Salvador (7,15%), Recife (6,97%), Maceió (6,76%), Belo Horizonte (6,44%), Aracaju (6,32%), Natal (5,99%), Cuiabá (5,62%), João Pessoa (5,53%) e Fortaleza (5,04%).

São Paulo foi a capital onde o conjunto dos alimentos básicos apresentou o maior custo (R\$ 883,94), seguida por Rio de Janeiro (R\$ 867,97), Cuiabá (R\$ 838,40) e Florianópolis (R\$ 824,35). Nas cidades do Norte e do Nordeste¹, onde a composição da cesta é diferente, os menores valores médios foram registrados em Aracaju (R\$ 598,45), Porto Velho (R\$ 623,42), São Luís (R\$ 634,26) e Rio Branco (R\$ 641,15).

Em 2026, todas as capitais registraram alta nos preços da cesta básica, com taxas que oscilaram entre 0,77%, em São Luís, e 10,93%, em Aracaju.

Entre março de 2025 e março de 2026, só é possível comparar os preços nas 17 capitais com série histórica completa. Houve alta em 13 cidades e queda em quatro. Destacam-se os aumentos em Aracaju (5,09%), Salvador (4,51%) e Recife (4,38%). As principais reduções ocorreram em Brasília (-4,63%) e Florianópolis (-0,91%).

Com base na cesta mais cara que, em março, foi a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser

¹ No Norte e Nordeste, a quantidade de carne pesquisada é menor; não se coleta o preço da farinha de trigo, como nas capitais das demais regiões, mas o da farinha de mandioca; e não se pesquisa a batata.

suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em março de 2026, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria ter sido de **R\$ 7.425,99** ou 4,58 vezes o mínimo reajustado em R\$ 1.621,00. Em fevereiro, o valor necessário era de R\$ 7.164,94 e correspondeu a 4,42 vezes o piso mínimo. Em março de 2025, o mínimo necessário deveria ter ficado em R\$ 7.398,94 ou 4,87 vezes o valor vigente na época, que era de R\$ 1.518,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 27 capitais – Brasil- Março de 2026

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	883,94	3,64	58,95	119h58m	4,49	0,37
Rio de Janeiro	867,97	4,96	57,89	117h48m	9,58	3,89
Cuiabá (1)	838,40	5,62	55,91	113h47m	5,95	-
Florianópolis	824,35	3,36	54,98	111h53m	2,88	-0,91
Campo Grande	805,93	3,29	53,75	109h23m	3,87	2,20
Porto Alegre	799,79	1,65	53,34	108h33m	1,99	1,03
Vitória	790,19	4,50	52,70	107h14m	8,66	3,57
Belo Horizonte	784,32	6,44	52,31	106h27m	8,44	4,01
Curitiba	769,61	3,23	51,33	104h27m	4,30	-0,42
Goiânia	760,44	3,98	50,72	103h13m	4,75	0,85
Brasília	746,41	4,82	49,78	101h18m	4,51	-4,63
Fortaleza	727,90	5,04	48,55	98h47m	7,52	0,06
Palmas (1)	717,45	3,19	47,85	97h22m	5,88	-
Belém	700,68	3,94	46,73	95h06m	5,12	-0,60
Boa Vista (1)	680,01	3,16	45,35	92h17m	4,27	-
Manaus (1)	675,56	7,42	45,05	91h41m	8,89	-
Macapá (1)	672,06	1,71	44,82	91h13m	3,21	-
Teresina (1)	668,78	3,10	44,60	90h46m	3,67	-
Salvador	662,14	7,15	44,16	89h52m	9,00	4,51
Recife	654,62	6,97	43,66	88h50m	9,82	4,38
Natal	653,77	5,99	43,60	88h44m	9,48	2,72
João Pessoa	652,95	5,53	43,55	88h37m	9,25	4,16
Maceió (1)	644,77	6,76	43,00	87h31m	9,34	-
Rio Branco (1)	641,15	1,48	42,76	87h01m	2,40	-
São Luís (1)	634,26	0,67	42,30	86h05m	0,77	-
Porto Velho (1)	623,42	3,61	41,58	84h37m	5,31	-
Aracaju	598,45	6,32	39,91	81h13m	10,93	5,09

Fonte: Conab/DIEESE. Nota: (1) Capitais com coleta iniciada em abril de 2025 (dados de variação anual não disponíveis)

Cesta x salário mínimo

Em março, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica nas 27 capitais pesquisadas foi de 97 horas e 55 minutos, maior do que o registrado em fevereiro,

quando ficou em 93 horas e 53 minutos. Já em março de 2025, considerando as 17 capitais analisadas, a jornada média foi de 106 horas e 24 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto de 7,5% referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu em média, nas 27 capitais pesquisadas em março de 2026, 48,12% do rendimento para adquirir os itens alimentícios básicos e, em fevereiro, 46,13% da renda líquida. Em março de 2025, considerando as 17 capitais analisadas, o percentual médio ficou em 52,29%.

Principais variações mensais dos preços dos produtos da cesta²

O preço da **batata** aumentou em todas as cidades do Centro-Sul, entre fevereiro e março. As elevações oscilaram entre 5,54%, em Belo Horizonte, e 22,24%, em Vitória. As chuvas atrapalharam a colheita e reduziram a oferta do tubérculo.

O valor do **feijão** subiu em todas as cidades. O grão preto, pesquisado nos municípios do Sul, Rio de Janeiro e Vitória, apresentou alta nessas cinco cidades, com percentuais entre 1,68%, em Curitiba, e 7,17%, em Florianópolis. Para o grão carioca, coletado nas demais capitais, os aumentos ficaram entre 1,86%, em Macapá, e 21,48%, em Belém. A alta do feijão ocorreu devido à restrição de oferta, por dificuldades na colheita, redução de área na primeira safra e expectativa de menor produção na segunda safra.

O preço do **tomate** aumentou em todas as cidades. As elevações ficaram entre 0,72%, em São Luís, e 46,92%, em Maceió. Menor oferta e perda de parte da colheita, por causa das chuvas, explicam as altas.

Houve alta no valor da **carne bovina de primeira** em 23 capitais, com destaque para Manaus (5,65%), Palmas (4,87%), Salvador (4,69%) e Maceió (3,90%). Em outras quatro cidades, houve redução, a mais expressiva em Boa Vista (-0,52%). A demanda aquecida por carne, a alta das exportações e menor número de bezerros para reposição elevaram o valor no varejo.

O preço médio do **leite UHT integral** subiu em 20 cidades, com variações entre 0,38%, em São Luís, e 9,20%, em Campo Grande. Em Palmas e Salvador, o preço médio não se alterou e, em cinco cidades, houve queda no valor médio, com destaque para a variação de -1,01%, em Maceió. A menor oferta de leite no campo, por causa da entressafra, e a maior demanda explicam a alta do derivado lácteo.

² Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab-Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

O custo médio do **açúcar** ficou menor em 19 cidades, com destaque para os percentuais de Goiânia (-4,91%), Curitiba (-4,70%) e Belo Horizonte (-4,52%). A média de preços não variou em Palmas, Porto Velho e Teresina. Houve aumento nas outras cinco cidades, o maior em Boa Vista (4,10%). Apesar do período de entressafra, a projeção de maior oferta de açúcar, devido à alta produção no Brasil e em outros países como Tailândia e Índia, reduziu o preço no varejo.

Destaques na variação nos 12 meses, considerando as 17 capitais

A comparação do custo da cesta nos 12 meses (março de 2025 a março de 2026) somente é possível para as 17 capitais onde o DIEESE já realizava o levantamento dos preços nesse período: Aracaju, Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, João Pessoa, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória.

O preço do **açúcar** ficou menor nas 17 capitais e as quedas variaram entre -32,97%, em Belém, e -4,48%, em Curitiba.

O **arroz agulhinha** apresentou redução de valor em todas as capitais, com percentuais entre -38,56%, em Belém, e -20,56%, em Aracaju.

O preço do litro do **leite integral** caiu em todas as cidades, com variações entre -19,74%, em Vitória, e -3,56%, em Fortaleza.

O quilo da **carne bovina de primeira** apresentou redução de preços apenas em Brasília (-1,78%). Nas outras capitais, houve aumento, com destaque para as variações de Salvador (12,66%), Aracaju (9,96%) e Belo Horizonte (9,58%).

O valor do quilo da **batata** caiu apenas em São Paulo (-3,04%). Nas demais localidades, houve aumento, com destaque para Vitória (39,12%), Goiânia (19,71%) e Rio de Janeiro (16,97%).

O **tomate** apresentou queda de preço em nove capitais. A redução mais significativa ocorreu em Curitiba (-16,69%). Em outras oito cidades, as variações foram positivas. A principal alta foi registrada em João Pessoa (41,01%).

O valor médio do **óleo de soja** teve redução em 13 das 17 capitais. Em Belém (-12,87%) e Florianópolis (-8,00%), foram observadas as variações mais expressivas.

O quilo do **pão francês** aumentou em 16 capitais, com destaque para as variações de Vitória (8,79%), Florianópolis (8,10%) e Rio de Janeiro (7,83%). A queda ocorreu em Fortaleza (-0,19%).

O preço do **café em pó** aumentou em nove cidades. A maior variação foi verificada em Campo Grande (14,13%). Outras oito capitais mostraram percentuais negativos, com destaque para Brasília (-16,14%).

Curitiba

- Valor da cesta: R\$ 769,61.
- Variação mensal (mar/2026 / fev/2026): 3,23%.
- Variação no ano (mar/2026 / dez/2025): 4,30%.
- Variação em 12 meses (mar/2026 / mar/2025): -0,42%.
- Jornada necessária para comprar a cesta básica: 104 horas e 27 minutos.
- Percentual do salário-mínimo líquido gasto para compra dos produtos da cesta para uma pessoa adulta: 51,33%.

Em março de 2026, o preço da cesta básica de Curitiba apresentou alta de 3,23% em relação a fevereiro. O custo foi de R\$ 769,61. Na comparação com março de 2025, o valor diminuiu -0,42%. Nos três primeiros meses de 2026, aumentou 4,30%.

Entre fevereiro e março de 2026, oito dos 13 produtos que compõem a cesta básica tiveram aumento nos preços médios: tomate (25,68%), batata (9,25%), leite integral (4,09%), banana (3,42%), óleo de soja (1,75%), feijão preto (1,68%), carne bovina de primeira (1,47%) e pão francês (0,68%). Os outros cinco produtos apresentaram queda de preço: açúcar refinado (-4,70%), farinha de trigo (-4,31%), café em pó (-2,00%), manteiga (-0,28%) e arroz agulhinha (-0,28%).

No acumulado dos últimos 12 meses, foram registradas elevações em cinco dos 13 produtos: banana (12,89%), batata (10,08%), carne bovina de primeira (6,61%), pão francês (4,96%) e óleo de soja (1,88%). Os produtos que apresentaram diminuição de preços foram: arroz agulhinha (-34,66%), feijão preto (-26,18%), tomate (-16,69%), leite integral (-10,40%), farinha de trigo (-9,50%), café em pó (-7,30%), manteiga (-7,12%) e açúcar refinado (-4,48%).

No acumulado do ano, ou seja, entre dezembro de 2025 e março de 2026, sete produtos registraram alta: tomate (41,44%), batata (15,92%), feijão preto (5,66%), leite integral (4,09%), carne bovina de primeira (2,91%), pão francês (2,64%) e manteiga (0,09%). Os seguintes produtos apresentaram queda de preço: arroz agulhinha (-6,94%), farinha de trigo (-5,66%), óleo de soja (-5,61%), açúcar refinado (-5,12%), café em pó (-4,50%) e banana (-3,52%).

Em março de 2026, o trabalhador de Curitiba remunerado pelo salário mínimo de R\$ 1.621,00 precisou trabalhar 104 horas e 27 minutos para adquirir a cesta básica. Em fevereiro de 2026, o tempo de trabalho necessário havia sido de 101 horas e 11 minutos. Em março de

2025, quando o salário mínimo era de R\$ 1.518,00, o tempo de trabalho necessário era de 112 horas e 00 minutos.

Considerando o salário mínimo líquido, após o desconto de 7,5% da Previdência Social, o mesmo trabalhador precisou comprometer, em março de 2026, 51,33% da sua renda para adquirir a cesta. Em fevereiro de 2026, esse percentual correspondeu a 49,72% da renda líquida e, em março de 2025, a 55,04%.

Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE

Escritório Nacional: rua Aurora, 957, Santa Efigênia, São Paulo – SP – CEP 01209-001

www.dieese.org.br

Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB

SGAS 901, Bloco A, Lote 69, Ed. Conab – Asa Sul – Brasília - DF – CEP 70390-010

www.gov.br/conab

DIEESE



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
SOCIAL E
COMBATE À FOME

